

## Movimento como base cognoscitiva para a elaboração da Primeira Prova da existência de Deus em Tomás de Aquino

*The Movement as a cognitive basis for the elaboration of the First Proof of the existence of God in Thomas Aquinas*

Anderson Frezzato<sup>1</sup>

**Resumo:** Durante a história da Filosofia foram elaboradas muitas provas da existência de Deus. Este artigo visa abordar o pensamento de Tomás de Aquino na elaboração da sua Primeira Prova da existência de Deus, descritas na *Suma Theologia* e na *Suma contra os Gentios*. Para tanto, Tomás vai buscar na filosofia antiga, mormente em Aristóteles, recebendo e atualizando as argumentações sobre o Motor Imóvel aristotélico presente nas obras *Física* e *Metafísica*. Ambos concordam que existe movimento nas coisas sensíveis. Esta certeza advém justamente das experiências dos sentidos, ou seja, da empiria. Tomás aceita a noção de que os seres se movem. O movimento é singularmente a passagem da potência ao ato. No entanto, Tomás foi buscar a causa desse movimento que nas suas argumentações é o Motor Imóvel, isto é, Deus. No fundo, o tomismo, em relação ao aristotelismo, pode ser apresentado como continuidade e diálogo: objetivo, coerente e científico.

**Palavras-chave:** Tomás de Aquino. Aristóteles. Movimento. Deus.

**Abstract:** During the history of Philosophy many proofs of the existence of God were elaborated. This article aims to address the thinking of Thomas Aquinas in the elaboration of his First Proof of the existence of God, described in *Summa Theologia* and *Summa against the Gentiles*. To do so, Tomás seeks in ancient philosophy, especially in Aristotle, receiving and updating the arguments about the Aristotelian Motor Property present in the works *Physics* and *Metaphysics*. Both agree that there is movement in sensitive things. This certainty comes precisely from the experiences of the senses, that is, from empiricism. Thomas accepts the notion that beings move and, with movement that is singularly the passage from power to act. However, Tomás went looking for the cause of this movement, which in his arguments is the

---

<sup>1</sup> Formação em Teologia e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas PUC Campinas SP. Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP. E-mail: afrezzato@gmail.com

Motor Property, that is, God. Basically, Thomism, in relation to Aristotelianism, can be presented as continuity and dialogue: objective, coherent and scientific.

**Keywords:** Tomás de Aquino. Aristotle. Movement. God.

## 1 Introdução

Os mais renomados estudiosos da filosofia não são capazes de negar que faz parte de todo o labor filosófico, mais propriamente da Teodiceia, debruçar-se sobre o intangível. Ao longo do percurso da História da Filosofia, as questões em torno da Metafísica foram levantadas por aqueles racionais que iam à busca do fundamento de todas as coisas e por religiosos que procuravam na arché divina o fundamento e sentido para tudo. Dentre todos os modos de especulação, a Escolástica e o pensamento nesse período desenvolvido, século XII ao XIV, apoiou-se nesta senda investigativa, ao mesmo tempo tremenda e esperançosa, em obter proposições, que se tornaram conteúdo, válida perante os anseios filosóficos e religiosos da época e que influenciaram o pensamento religioso ocidental.

Através do resgate das obras de Aristóteles, notadamente pelo interesse e entusiasmo de Averróis<sup>2</sup>, se conseguiu fincar possibilidades de alçar por outros pensadores, especialmente na espera das especulações teológicas, uma construção sistemática desejosa de unir os prolegômenos da razão às assertivas da fé cristã, sustentadas, no caso de nosso artigo, por Tomás de Aquino. Consciente da importância de oferecer à especulação teológica uma base sólida que ao mesmo tempo proporcionaria condição de diálogo com as demais ciências, Tomás de Aquino, lançando mão do pensamento aristotélico, vai à busca de elaborar provas da existência de Deus. Para tanto recusa todo afeto, apelo religioso, escrúpulos, atividade catequética, para tão somente buscar pensar a existência divina à luz da razão.

Tomás de Aquino, não desprezando de modo algum o conhecimento sensível, empírico, pretenderá através das experiências sensíveis elaborar prova da existência de Deus. Salta aos olhos de Tomás, a certeza de que no mundo, nas coisas matérias que se transformam, existe um movimento, seja de elevação ou queda, aperfeiçoamento ou danação, crescimento ou diminuição. Ao se deparar com os Livros da *Física* e da *Metafísica* de Aristóteles, Tomás percebe que o filósofo

---

<sup>2</sup> É possível aprofundar no assunto da retomada da filosofia de Aristóteles por Averróis, destaque o artigo: BITTAR, Eduardo. O aristotelismo e o pensamento árabe: Averróis e a recepção de Aristóteles no mundo medieval. In: Revista Portuguesa de História do Livro, n. 24. Lisboa. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874).

antigo havia constatado o mesmo, em suas considerações na cosmologia pautada no movimento de Ato e Potencia, e começa a dialogar com ele, oferecendo o seu contributo original à teoria aristotélica do movimento do Primeiro Motor.

É justamente frente à teoria aristotélica do movimento e de sua utilização por Tomás de Aquino que se encontra a proposta deste artigo. Pretendemos analisar a aplicação da teoria do movimento do Primeiro Motor aristotélico na formulação da primeira via das provas da existência de Deus construída por Tomás. Ao mesmo tempo em que ressaltaremos a originalidade do referido teólogo em seu tempo quando retoma a cosmologia antiga de Aristóteles elaborando uma teoria do conhecimento basilarmente construída na demonstração e não na intuição.

Para tanto utilizaremos como referencial teórico o Livro da *Física* e da *Metafísica* de Aristóteles e, de Tomás de Aquino a *Suma contra os Gentios* e a *Suma Theologica*. No que se refere para este último, as partes sobre a teoria dos movimentos. Ademais, é possibilitado em todo o desenvolvimento do artigo diálogo com comentadores e contemporâneos pensadores que se interessaram pelo mesmo assunto. Isso trará condições de maior cientificidade às ideias apresentadas. O artigo, assim, se divide duas partes para seu desenvolvimento. Na primeira parte é retomado o pensamento aristotélico sobre o movimento; em seguida, a sua aplicação por Tomas de Aquino, na Teodiceia cristã.

## **2 Aristóteles e o movimento a partir das obras Física e da Metafísica**

A Filosofia, frente a outros modos de pensamento, nasce na originalidade grega e tão logo causa espanto e admiração. Se de um lado a curiosidade nada ingênua fez com que as primeiras perguntas racionais fossem elaboradas, por outro, o próprio saber edificado pelo labor filosófico grego causava, no mundo conhecido espanto e admiração. A Filosofia, então, se caracteriza como, salvaguardados todos os seus percursos de desenvolvimento, como um saber inovador que não possuía nenhuma analogia com outro tipo de saber, de modo a colocá-la, pelo menos qualitativamente, em pé de igualdade.

A partir de todas as mudanças geopolítica que aconteceram na Península Grega, por volta de 1600 a.C, no Período Homérico, dentre as quais a descentralização política oriunda da destruição de diversas cidades-estados, o fim do poder aristocrata, abertura para o comércio e dos portos de navegação, um fenômeno cultural surge visando buscar maior abertura e influência cultural, bem como uma sociedade justa edificada no pensamento racional: se trata, do helenismo. Nesse ponto, a sabedoria se torna grande aliada para os intentos gregos

de elaborarem uma estrutura lógico-racional que pudesse ao mesmo tempo explicar a realidade, contribuísse também, para organizar a sociedade. Os primeiros pensadores que deram um passo para além das explicações míticas, encontraram na natureza, mas propriamente com a análise cosmológica, uma segurança especulativa. Não foram poucos os personagens que se dedicaram ao exame da natureza e da organização do cosmos. Podemos citar a escola jônica, com Tales de Mileto, os pitagóricos, os eleatas, físicos (Cf. ALMEIDA, 2005, p. 5).

À alçada destes, Aristóteles, na *Metafísica* e a *Física*, desvinculou-se do pensamento de Platão, assaz suprassensível, para fincar-se na certeza de que é possível através do estudo dos fenômenos da natureza, chegar às certezas metafísicas. Se para Platão, o mundo é *mímeses*<sup>3</sup>, ou seja, imitação imperfeita do Mundo das Ideias, para Aristóteles, a realidade abriga uma sabedoria e ordenamento perfeitos. Aristóteles admite a realidade existente como *ente* e acredita na capacidade humana de os sentidos captar a realidade, mesmo que necessite purificá-las pelo uso da razão. De todo modo, para o filósofo em questão, é possível através da razão, basilarmente apoiada na empiria, principalmente nos movimentos (*kínesis-metábole*), chegar a constituição de um conhecimento verdadeiro (Cf. HIRSCHBERGER, 1969, p. 33).

“posto que a natureza é um princípio do movimento e da natureza, e nosso estudo versa sobre a natureza, não podemos deixar de investigar o que é o movimento; porque se ignorássemos o que é, necessariamente ignoraríamos a natureza” (ARISTÓTELES, FÍSICA II, 220b).

Nesse sentido, duas obras são destacadas como referenciais teóricas para o estudo do movimento em Aristóteles: a *Física* e a *Metafísica*. Essas duas obras são caracterizadas como acromáticas, ou seja, são escritas com a finalidade de serem instrumentos de aula de Aristóteles frente a seus discípulos no Liceu que fundara em Atenas, dedicado a Apolo Lício (Cf. WERMANN; MACHADO, 2016, p. 10). As referidas obras foram reunidas por Andrônico de Rodes e a união delas se pode formar um *Corpus Aristotelicum*, que são as principais contribuições de Aristóteles sobre a lógica, física, metafísica, ética, estética. Tanto a Física quanto a Metafísica foram organizadas em forma de livros (BITTAR, 2003, p. 54).

Tanto os livros da *Física* quanto os da *Metafísica* estão caçados nas especulações cosmológicas e pertencem a estrutura do saber teórico, ou seja, procuram ser ciência, instrumento de saber, em si. A *Física* é composta por oito

<sup>3</sup> Para Platão, as coisas existentes são imitações do Mundo das Ideias. A palavra grega *mimesis* é utilizada por Platão para justamente afirmar que tudo o que existe é imperfeito e imitação das ideias perfeitas do mundo das Ideias.

livros. Os quatro primeiros ratam das coisas materiais e os outros quatro versam sobre o movimento e suas causas últimas. Para Bittar, esta divisão não é especialmente objetiva uma vez que em toda a obra se trata dos diversos tipos de movimento, especialmente da passagem da potência ao ato (2003, p. 368). No entanto, é preciso considerar que a *Física* é um tratado anterior ao da *Metafísica*, pelo fato de Aristóteles considerar primeiramente, na especulação, o conhecimento real, lógico e cronológico para depois se abrir para as especulações atemporais (BITTAR, 2003, p. 405). Já a obra *Metafísica* é composta por cerca de quatorze livros cujo assunto principal desenvolvido é o ser com os princípios, causa e atributos. Reporta ao Motor Imóvel como o princípio do movimento, sem causalidade, materialidade e temporalidade.

Todo conhecimento está condicionado, para Aristóteles, à percepção sensível. Não se admite nenhum tipo de conhecimento inato. O Estagirita<sup>4</sup> faz essa opção para sua teoria do conhecimento: não há desprezo pelas informações da realidade adquiridas por meio dos sentidos que deverão ser pela razão, organizados (Cf. RIRSCHBERGER, 1969, p. 191). À base desse pressuposto de orientação cognoscitiva, tem-se que o exame do mundo sensível permite inferir que há uma mudança, transformação contínua na realidade, ou seja, existe um movimento integrados na vida natural. Na *Física*, no Livro III, Aristóteles afirma de modo contundente que não se pode continuar sua filosofia, sem que se admita esse movimento presente no mundo físico (Cf. CAMPOS; RICARDO, 2012, p. 2). Uma coisa é e depois não é mais; determinada coisa pode ser e agora se tornou. O movimento de transformação, ao qual é chamado de Potência e Ato, no mundo sensível está condicionado ao tempo e ao espaço, categorias fundamentais para o conhecimento e para a percepção humanas (Cf. COVAL, 2000, p. 127). “Conhecemos o tempo quando determinamos o movimento utilizando o anterior e o posterior; e dizemos que o tempo passou quando sentimos o anterior e o posterior no movimento” (ARISTÓTELES, FÍSICA IV, 219).

Algo tem a Potência de ser transformada em algo final como Ato. O Ato é, então, a realização final das potencialidades de algo. O que não podemos deixar de tornar claro é que a Potência e Ato jamais se encontram, pois entre ambos há a distância do movimento. Para Aristóteles, esse movimento tem uma causa, não sendo nem o Potência nem o Ato o próprio movimento, mas a condição formal de atuação do movimento. O movimento deve iniciar a transformação em vista da realização da Potência natural no Ato natural. Esse movimento tem uma origem, ou seja, ele é provocado por outro. Para o filósofo, que há um agente motor, que não se

---

<sup>4</sup> Refere-se a quem nasce em Estagira. Aristóteles nasceu nesta referida cidade antiga grega.

move, mas faz mover outro. Há pelo menos quatro tipos de movimentos: a) a mutação: que é a geração e corrupção da substância; b) a alteração: que é a mutação segundo a qualidade; c) aumento e diminuição: que é a mutação segundo a quantidade; d) a translação: mutação segundo o lugar (Cf. BITTAR, 2003, p. 422).

Todo movimento apontado na *Física* é “resultante da atuação de um corpo motriz sobre outro sensível de modo a produzir a modificação” (BITTAR, 2003, p. 412). Apoiado nesse raciocínio o filósofo afirma que “tudo o que está em movimento tem que ser movido por algo” (FÍSICA, VII, 214b) e embora o corpo não tenha em si o movimento ou a condição de movimentar-se como causa eficiente, é movido por outro e “assim sucessivamente até que terá que haver um Primeiro Motor” (FÍSICA, VII, 242a). No mesmo Livro VII, Aristóteles, depois de ter chagado a conclusão do movimento no tempo e no espaço, admite a existência atemporal do movimento através de sua ideia do Motor Imóvel que é na mesma condição, atemporal e não localizado no espaço, o Primeiro Motor. O Primeiro Motor move, sem ser movido, sendo Ato Puro, atrai as coisas em sua dinâmica de transformação de Potência a Ato (Cf. FRAILE, 1982, p. 510).

Na *Metafísica*, Aristóteles estuda o movimento de um modo mais pormenorizado enquanto o ser e seus princípios. O estudo do movimento na *Física* é oriundo da experiência, na *Metafísica* o mesmo ocorre. O filósofo vai examinar o movimento sob quatro pontos de vistas: *ousía* (substância), *formé* (forma), *ylé* (matéria) e *dynamis* (movimento). Como se pode constatar na natureza, os seres são muitos e diversos entre si, por isso, é necessário encontrar um eixo unificador para o múltiplo que é a substância. A substância é o elemento único conjugado com outros dois, a matéria e a forma. A matéria está em potência de assumir o ato através da forma de manifestação do ser. O movimento, então, é a passagem da potência ao ato: na primeira condição se entra a capacidade de realização, evidência de incompletude e imperfeição, já no ato, é a potência realizada, acabada, perfeita. Esse movimento de passagem de imperfeição para a perfeição é de atração exercida pelo Primeiro Motor. Movimento, aqui, não mecânico, mas quantitativo e qualitativo (METAFÍSICA VII, 107b).

Com um caminho ascendente na *Metafísica*, Aristóteles chega a conclusão da existência do Primeiro Motor, haja vista haver no tempo e no espaço o movimento das substâncias. Para ele, o a razão da evidência do movimento promove outra certeza. A de que para que haja movimento é necessário haver uma substância imóvel, que não esteja imersa no movimento de fruição e transformação (*hilemorfismo*). Seja ato, Puro Ato. Assim, o filósofo afirma que “é preciso existir a substância que não seja potência, mas sim sempre ato” (METAFÍSICA, XII, 219b). De todo modo, quer na *Física* quanto na *Metafísica*, tudo o que está sob influência

do movimento, muda em substância, quantidade, qualidade e lugar. O Ato Puro basta a si mesmo, possui sua vida como pensamento e acaba sendo chamado por Aristóteles de *Théos* (Cf. RAFAEL, 2005, p. 4).

### 3 Tomás de Aquino e a primeira prova da existência de Deus à luz de Aristóteles

Tomás de Aquino era filho do conde Landolfo de Aquino. Nasceu em 1224 em Tocca Secca, no reino de Nápoles. Foi educado no Montecassino pelo abade Sinibaldo, seu tio paterno. Em 1244 entrou para a ordem dos Dominicanos e em 1257, juntamente com São Boaventura, conquistou o título de mestre em Teologia, podendo ensiná-la publicamente. Suas obras principais são: *Comentário sobre as Sentenças* (1254-1256), *A Suma Theologica* (1266-1272 e não concluída), a *Suma contra Gentiles* (1258-1264), Opúsculos filosóficos (1254-1270) – *De occultis operationibus naturae*; *De motu coris*; *De ente et essentia*; *Comentário sobre Aristóteles* (1268-1272). Dentre todas as sínteses filosóficas e teológicas do século XIII, a síntese tomista pode ser caracterizada pelo equilíbrio, coesão e harmonia. Tal equilíbrio, afirma Campos está justificado principalmente na união entre o caráter empírico do aristotelismo com a metafísica tradicional (Cf. CAMPOS, 1989, p. 18).

Não é por demais deixar claro que no pensamento de Tomás de Aquino não existe uma pretensão de satisfazer-se por um ecletismo filosófico. Nesse ponto, Tomás é bem categórico: ele vai buscar na filosofia de Aristóteles os princípios para sustentar seu raciocínio teológico. Brian Devis afirma que a intenção de Tomás de Aquino não é fazer uma apologia de Deus, nem mesmo que seu pensamento seja usado como catequese. O desejo primeiro era fundamentar a ideia de que tudo no mundo, principalmente o ser humano, depende para sua existência, de uma causa, que na questão é Deus (Cf. DEVIS op. cit. IZÍDIO, 2013, p. 25).

No escopo do desenvolvimento da teoria do conhecimento unida à Teodiceia, o Aquinate<sup>5</sup> admite que nada existe na inteligência que não tenha passado pela mediação dos sentidos. Será nessa perspectiva racional que são elaboradas as cinco provas da existência de Deus expostas com todos os argumentos na *Suma contra os Gentios* e parte na *Suma Theologica*. Como proposta metodológica, não iremos abordar todas as vias, mas somente a Primeira Via<sup>6</sup>. A primeira via é o argumento do Primeiro Motor. Tanto numa obra quanto em outra, Tomás de Aquino,

<sup>5</sup> Referência a Tomás de Aquino.

<sup>6</sup> Podemos encontrar mais precisamente o desenvolvimento dos argumentos da Primeira Prova da Existência de Deus na *Suma Theologica*, na Questão II, Artigo III, e na *Suma contra os Gentios*, no Livro I, Capítulo XIII.

à luz do aristotelismo, afirma que a existência do movimento<sup>7</sup> advinda pela percepção dos sentidos, sendo tudo o que se move é movido por outro. Como o movimento não pode ser infinito e a causa de si mesmo, há um Motor Imóvel que move sem ser movido que é Deus. É justamente com a frase: “tudo aquilo que é movido, é movido por outro”, que se inicia o Capítulo XIII, do Livro I, da *Suma contra os Gentios* (Cf. IZÍDIO, 2011, p. 2).

Diferentemente de Santo Anselmo e seu apriorismo, Tomás, através da percepção da passagem das coisas de potência para o ato, de modo a posteriori constrói sua cosmologia teórica. De certo, a primeira prova considera que tudo o que se move é movido por outro através de sucessões de movimentos que explicam o vir-a-ser das coisas. O movimento deixa explícito a contingências dos seres. Cada movimento não poderá ser levado ao infinito (Cf. *SUMA THEOLOGICA*, I, Q II, A III), senão tudo o que existe deixará de existir (Cf. CAMPOS, 2016, p. 44). Das palavras de Tomás tem-se:

“O testemunho dos sentidos atesta que há algo que se move. Um ser recebe, pois, o movimento de outro. Agora sim, este motor se move em outro. Se move, temos que há necessariamente um motor imóvel. E a este chamamos de Deus. Como é impossível seguir infinitamente e indefinidamente temos que admitir um motor imóvel” (*SUMA THEOLOGICA*, Q II, A III).

Ao examinarmos o argumento temos que para Tomás essa é a prova mais clara. É evidente e demonstrável que as coisas mudam, uma vez que os sentidos não estão alheios a esta percepção. No entanto, Campos alerta que fazer referência a Deus como o Primeiro Motor não deve abrir espaço a considerar, de modo numérico, que exista o Segundo e o Terceiro e assim por diante. Não se trata de uma sequência de existência que alude a possível existência de mais que um Deus. O Primeiro Motor é totalmente diverso aos demais, não sendo em nada semelhante ao movimento. A ação do Primeiro Motor é movimentar, sem ser movido, por isso permanece inalterado e imutável. Nenhum dos outros motores que são imóveis, pelo fato de estarem justapostos potência e ato (Cf. CAMPOS, 2016, p. 44).

Ademais a estas considerações, o argumento tomista da prova da existência de Deus pode ser estruturado nas seguintes proposições: 1) percebe-se que no mundo os seres não movidos; 2) tudo o que se move é movido por outro; 3) que o movimento consiste em ser a passagem da potência para o ato; 3) a um motor que move, sem ser movido; 4) tal motor não pode ser, ao mesmo tempo, ato e potência;

---

<sup>7</sup> Assim escreve Tomás, na *Suma Theologica* I, 2,3 “nossos sentidos nos atestam, com toda a certeza, que neste mundo algumas coisas se movem”.

5) não se pode considerar sob a mesma perspectiva que haja um motor e um movido; 6) os motores e movidos não podem prosseguir indefinidamente. 7) conclui-se que há um primeiro motor e este é o Motor Imóvel. Mesmo havendo clareza nas proposições, Tomás afirma que nesta primeira prova existem duas proposições que exigem a necessidade de serem provadas, porque são tidas como as linhas condutoras do argumento. A saber: tudo o que move é movido por outro; e os seres motores e movidos não podem prosseguir indefinidamente (Cf. *SUMA CONTRA OS GENTIOS*, L I, Cap. XII).

Atribuindo a Aristóteles o nome de “O Filósofo”, o pensador medieval vai a busca da filosofia do pensador antigo para argumentar e elaborar a estrutura de pensamento. Então, para Tomás se um ser se move a si próprio é necessário que tenha contido em si mesmo o princípio do movimento. Caso não fosse desse modo, seria movido por outro. Também é essencial que aquele que se move a si mesmo não se deve pelo fato do trabalho de suas partes, como por exemplo, um animal que se move pelo trabalho de suas partes. Com efeito o ser que se que supõe movimento é movido (Cf. *SUMA CONTRA OS GENTIOS*, L I, Cap. XII). Se algo está em repouso e logo começa a se movimentar por impulso de um motor, e que, por conseguinte, leva pelo menos um segundo para o movimento, este último entrará em repouso quando o primeiro se estagnar pois o movimento não pertence a nenhum dos dois. Logo, o ser que suponha como movido por si mesmo, na realidade não se move, enquanto o que se move é necessariamente movido por outro. É impossível que algo seja motriz e movente ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto (Cf. *SUMA THEOLOGICA*, QII, AII).

Tomás de Aquino lembra que no livro *Física*, Livro VIII, no capítulo primeiro, Aristóteles afirma que a certeza de há movimento na realidade dá condições de afirmar que nem sempre ouve tal movimento, pois inerente à realidade, não pode ser gerado pela contingência. O movimento foi iniciado por algo que não é contingente. Nesse sentido Tomás induz que algo que seja movido por acidente não pode ser movido por si mesmo, seu movimento acidental necessariamente depende de outro. É certo que qualquer ser movido de forma violenta por sua natureza não tem o princípio do movimento. Tudo o que se move e enquanto, tanto Aristóteles e Tomás de Aquino concordam que está se falando da passagem da potência para o ato. Qualquer ser que está em deslocamento, seja substancial ou mecânico está tendendo o encontro de sua perfeição atraído pelo Ato Puro. Nunca é demais lembrar que ato e potência só são possíveis sob pontos de vistas diversos (Cf. *FÍSICA*, L 5, Cap. 8, 257q).

Para a segunda proposição a ser demonstrada, de que motores e movidos não há que se procederem indefinidamente (Cf. *SUMA CONTRA OS GENTIOS*, L 1,

Cap. XIII), Tomás tem bem certo de que é impossível retornar ao infinito as séries das coisas em movimento, sejam elas as motrizes ou as movidas. Todo corpo que se move, movimenta-se, sendo assim, tal corpo finito, seu movimento é finito no tempo. O movimento em determinado período cessará, o que fará com que o movido recaia em repouso. Logo, não é possível que haja movimento que possam ser lançados ao infinito. “Se houver moventes infinitamente, não haverá Primeiro Motor, mas somente moventes intermediários, que não se moveriam e não moveriam nada que existe no mundo” (IZIDO, 2011, p. 3).

Também uma outra razão argumentativa pode ser colocada em demonstração: o Primeiro Motor é imóvel ou tem move-se a si mesmo. Tomás lembra que alguns seres corruptíveis possuem o movimento em si, como um peixe que se desloca na água pela força de sua calda. No entanto, nos seres corruptíveis o movimento é gerado por eles mesmos, mas não são infinitos, porque o movimento cessa com a corrupção, ou seja, a morte. O movimento cessa, porque a causa do movimento já não existe mais. Bem, por isso não pode ser entendido que o Primeiro Motor se move a si mesmo, pois no Primeiro Motor não há potência para realização em Ato e o movimento não modifica sua existência nem é condição de substância de sua natureza. Tomás, então afirma que o argumento se baseia no princípio do movimento. Isso significa que o Motor Imóvel é o princípio do movimento, sem ser misturado com ele. Movimenta sem ser movido (Cf. *SUMA CONTRA OS GENTIOS*, L I, Cap. XIII). É como uma criança que sopra a chama de uma vela: há o movimento de deslocamento do ar, a chama é apagada e a criança que soprou continua no mesmo lugar e nas mesmas condições, apenas provocando o movimento. O vento produzido não move a criança, mas move o ar que apaga a chama.

Fica bem nítido que, quer na *Suma Theologica*, quer na *Suma contra os Gentios*, que as noções de Motor Imóvel em Tomás de Aquino e Aristóteles se convergem. Tomás vai chamar esse Motor Imóvel de Deus. De toda maneira para que Tomás possa chamar e apropriar Deus como sendo Motor Imóvel este deve ter todas as características que o filósofo antigo oferece ao seu Moto Imóvel: uno, eterno e imutável. O conceito de potência que Tomás resgata de Aristóteles é para ambos enquanto algo que se deve realizar traz, mesmo que implícito, a noção de imperfeição. Todo ser que não realizou plenamente o movimento realizando-se em ato procura movimentar-se em direção do Motor Imóvel que é perfeito. É atraído em direção a algo superior, divino. Tomás assim conclui que não se pode proceder indefinidamente, sendo necessário chegar a uma primeira causa que se chama Deus (Cf. *SUMA CONTRA OS GENTIOS*, L I, Cap. XIII).

#### 4 Considerações finais

Tomás de Aquino, grande teólogo e filósofo cristão, não perdeu sua atualidade. Mesmo sendo possível determinar a distância histórica de Tomás com o tempo presente, não é possível acreditar que o pensamento de Tomás permanece no passado. Pelo contrário, o pensamento de do filósofo escolástico, em sua originalidade, resgata e atualiza o pensamento de Aristóteles e o repropõe ao formular a Primeira Prova da existência de Deus. Esta Primeira Prova, assunto de nossa pesquisa, possui seu desenvolvimento estruturado no pensamento aristotélico do movimento, cuja existência empírica é atesta pelos sentidos.

O filósofo escolástico, em sua aventura especulativa, procurou sustentar que nada está na inteligência que não possua entrada pelos sentidos. Resgatando Aristóteles, Tomás formula sua famosa via para a afirmação da existência de Deus por meio do movimento: para ele, no mundo sensível, tudo está movimento, seja de modo qualitativo, quantitativo ou de lugar. É certo, como vimos que, utilizando a *Física* e a *Metafísica* aristotélica, o Aquinate corrobora a ideia do Estagirita de que os seres se movem. Se, se movem, é preciso ir buscar a causa de movimento. Em outras palavras, tudo o que muda é movido por outro, ou seja, é levado da potência ao ato.

De modo geral, as coisas se movem a partir de dois tipos de movimento: o mecânico e o substancial. O mecânico, é abordado com mais propriedade nos estudos físicos e é caracterizado como um movimento de atração por forças motrizes sensíveis que levam as coisas a realizarem a potência para chegar ao ato; já o movimento substancial, tomado particularmente nos estudos metafísicos, é realizado como atração e desejo de perfeição, fazendo a potência se realizar em ato. No fundo, os dois tipos de movimento têm a especificidade de serem um movimento de desejo amoroso de se assemelharem ao Primeiro Motor e, na perspectiva cristã, as criaturas tendem a serem atraídas para Deus, na busca de perfeição.

A pertinência do raciocínio de Tomás está na recepção e atualização de parte da filosofia da natureza de Aristóteles, refletida e amadureça sob a égide do pensamento cristão. Não se pode jamais esquecer que todo escopo filosófico e teológico de Tomás está dentro do caminho de sistematização da fé cristã que se aproxima da razão como aliada e estrutura basilar. Foi nosso desejo ressaltar a contribuição racional incidente na procura da elaboração cognoscitiva das Provas da existência de Deus, em Tomás, mormente a Primeira Via, a Via do Movimento. Enfim, este artigo procura lançar base para novos aprofundamentos. Não esgotando o assunto, deseja ser provocação para novos estudos.

## Referências

- AQUINO, Tomás de. *Suma Theologica*. 4. ed. Trad. Alexandre Correria. Campinas: Ecclesiae, 2016.
- AQUINO, Tomás de. *Suma contra os Gentios*. Trad. De Odilão de Souza. Caxias do Sul: Sulinas, 1990.
- AQUINO, Tomás de. *O Ente e Essência*. 2. Ed. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ALMEIDA, Aires. Filosofia e ciências da natureza. In: *Revista crítica na Rede*, 2005. Disponível em: [https://criticanarede.com/filos\\_fileciencia.html](https://criticanarede.com/filos_fileciencia.html). Acesso em 9 de setembro de 2020.
- ARISTÓTELES. *Física*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- BITTAR, Eduardo. *Curso de Filosofia Aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico*. São Paulo: Monole, 2003.
- CAMPOS, Sávio Laet de Barros. *As Provas da Existência de Deus em Tomás de Aquino*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.
- COVAL, Fabiano Stein. A concepção aristotélica de Deus a partir das relações entre os livros VII da Física e XII da Metafísica. In: *Revista Reflexão*. Revista quadrimestral do Instituto de Filosofia. Ano XXV, n. 78, Campinas: Puc-Campinas, 2000. Disponível em: [www.seer.sis.puc-campinas.edu.br/index.php/reflexão](http://www.seer.sis.puc-campinas.edu.br/index.php/reflexão). Acesso em 10 de setembro de 2020.
- FRAILE, Guillermo. *História de la Filosofía*. v.1. Madrid: La Editora Católica, 1982. (Biblioteca de Autores Cristianos).
- HIRSCHBERGER, Joanes. *História da Filosofia na Antiguidade*. São Paulo: Herde, 1969.
- IZIDIO, Camila de Souza. A Prova da Existência de Deus pela via do movimento em São Tomás de Aquino. In: *Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais*. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 1-6, 2011. Disponível em: [www.ppe.uem.br/jeam/anais/pdf/post](http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/pdf/post). Acesso em 8 de setembro de 2020.
- IZIDIO, Camila de Souza. A demonstração da existência de Deus através do conhecimento sensível em Tomás de Aquino. In: *Revista Eletrônica de Filosofia*

*Cognitio-Estudos*. v. 10, n. 1, 2013, p. 034-043. Disponível em:  
[www.pucsp.br/pragmatismo](http://www.pucsp.br/pragmatismo). Acesso em 10 de setembro de 2020.

PORTO, C.M. A física de Aristóteles: uma construção ingênua? In. *Revista Brasileira de Ensino de Física*. v. 31, n. 4, p. 4601-4608, 2009. Disponível em:  
[www.sbfisica.org.br](http://www.sbfisica.org.br). Acesso em 9 de setembro de 2020.

RAFAEL, Auro José da Silva. *O Primeiro Motor no Livro XII da Metafísica de Aristóteles*, 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/348868125/O-primeiro-motor-no-livro-XII-da-metafisica-de-Aristoteles-Auro-Jose-da-Silva-Rafael-pdf>. Acesso em 8 de setembro de 2020.

WERMAM, José Afeú; MACHADO, Fabrício Fonseca. Uma aproximação da academia de Platão, o Liceu de Aristóteles e as Universidades. In. *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia*. v. 8, n. 19. p. 1-17. Porto Alegre. Disponível em:  
[www.theoria.com.br/edicao19](http://www.theoria.com.br/edicao19). Acesso em 9 de setembro de 2020.